

TRISTE FALO: UMA IMAGEM DA RELAÇÃO MÃE-FILHA

Mi-Kyung Yi*

RESUMO

Segundo Freud, a relação mãe-filha é caracterizada por um eterno conflito de ambivalência. A inveja do pênis, nessa relação, desempenha um papel central, e a busca fálica é o refúgio secreto da relação com a mãe. Entretanto, no cerne da lógica fálica existe a angústia de perda do amor do objeto, que é revivida com a emergência da sexualidade genital adulta. O autor estuda os aspectos melancólicos, que são tanto defletidos quanto perpetuados, por esta configuração psíquica, em prol da fidelidade ao objeto materno.

Palavras-chave: inveja do pênis; relação mãe-filha; ambivalência; feminilidade; angústia.

ABSTRACT

THE MELANCHOLIC PHALLUS: A FIGURE OF THE MOTHER-DAUGHTER RELATIONSHIP

According to Freud, the mother-daughter relationship is marked by a never-ending conflict of ambivalence. "Penis envy" plays a central role in this relationship and the phallic claim can be seen as its secret refuge. However, at the very core of the phallic logic, there is the anxiety of loss of the object's love, which is revived with the emergence of adult genital sexuality. The author studies the melancholic aspects which are both deflected and perpetuated by this psychic configuration, in order to remain faithful to the maternal object.

Keywords: penis envy; mother-daughter relationship; ambivalence; female sexuality; anxiety.

“Bom dia, tristeza”. Começa assim a narrativa do primeiro e celebrado romance de Françoise Sagan (1954/2009). Um romance de

* Professora do UFR d'Etudes Psychanalytiques (Université Paris 7); Diretora do mestrado profissional. E-mail: mik.yi@wanadoo.fr.

aprendizagem em ritmo acelerado que relata a história de uma garota em seus indolentes 17 anos de idade, o advento de sua vida sexual adulta e a convivência com a tristeza durante um verão tumultuado e, enfim, amargurado. Do começo ao fim, a narrativa é permeada pela evocação – ou ainda, pela invocação – do sentimento de tristeza:

Hesito em pôr nesse sentimento desconhecido por cujo marasmo, por cuja doçura, estou obcecada, o nome – este belo e grave nome – de tristeza... Eu não a conhecia em si, mas o marasmo, o arrependimento e mais raramente o remorso. Hoje em dia, algo em mim me enclausura como uma seda, irritante e doce, e me separa dos outros.

Somente quando estou em minha cama, ao nascer do sol, tendo como única companhia o barulho dos carros de Paris – neste exato momento minha memória me prega peças: as férias de verão ressurgem com todas suas lembranças. Anne, Anne! Repito esse nome baixinho e continuamente no escuro. Então, algo começa a subir dentro de mim até que eu o chame pelo seu nome, com os olhos fechados: Bom dia, tristeza (Sagan, 1954/2009: 45).

À semelhança da história da jovem heroína do romance inaugural da carreira literária da escritora francesa, a abertura à vida sexual adulta se faz quase sempre acompanhar – sobretudo para as garotas – por um gosto de melancolia – suave ou violenta, amarga ou doce/salgada – na sequência dos acasos da história singular. Às vezes isto ocorre através de uma surpresa, como na frase: “Nunca mais serei fiel”. O despeito e o tom resolutivo são discerníveis. Podemos facilmente pensar numa mulher traída, enganada ou até mesmo abandonada pelo amor de sua vida; e que assim promete nunca mais cair no mesmo engano. Mas as aparências enganam.

Trata-se de uma garota segura de seu poder de sedução recém-conquistado – ela entendeu o quanto era atraente, com seus belos seios avantajados – e que diz essas palavras para si mesma, com calma e

também com um certo alívio. “Nunca mais...”, palavras de seus dezesseis anos! Foi no dia seguinte de sua primeira relação sexual – Sabina rememora, agora uma mulher madura. Uma “primeira vez” decepcionante, desastrosa ou traumática? Aparentemente nada disso. Apenas essa pressa levemente apreensiva com a qual a experiência fundadora de sua vida sexual adulta era esperada e almejada. Além da constatação murmurada para si mesma, numa tentativa de reconforto: ir para a cama com um homem é como sair para comprar pão, nada mais! Bastaria sair de casa, sozinha como as crianças mais velhas...

Pela afirmação de uma sexualidade assumida com orgulho, manifesta-se então uma ponta de inquietação misturada com nostalgia. Saudades da criança inofensiva, solitária, rancorosa que, ainda por cima, se sente estranhamente culpada. É essa nebulosa de melancolia que o voto, intempestivo, de não-fidelidade tenta exorcizar. Fiel, nunca mais! Como se ela pudesse sê-lo sempre, poderíamos dizer. Mas, de toda forma, a primeira vez deveria permanecer única. Sem reprises. Sem substitutos. Uma das recordações de infância que Sabine se deleita em evocar é a imagem de uma menina “forte” que ela se orgulha de haver sido, a mesma que se obstinava em não possuir qualquer tipo de “bengala”, chupeta, ursinho ou sequer uma boneca: “Aprendi bem cedo a andar”, diz ela. Relemburada no início da aventura analítica, essa mensagem se destina – ao que se pode ver – ao seu primeiro objeto de amor, seu primeiro objeto de fidelidade, a mãe.

Freud (1938/1949) escreveu em 1938:

Esta (a mãe) não se contenta em alimentar, mas cuida da criança e nela desperta, simultaneamente, várias outras sensações físicas agradáveis ou desagradáveis. Graças aos cuidados que proporciona, ela se torna sua primeira sedutora. Através destes dois tipos de relação, a mãe adquire uma importância única, incomparável, inalterável e permanente, e se torna assim para ambos os sexos o objeto do primeiro e mais pode-

roso amor, protótipo de todas as relações amorosas ulteriores (Freud, 1938/1949: 60).

Essa figura materna sensual, com uma inigualável potência iniciadora de vida sexual, é realçada nas considerações freudianas acerca da feminilidade (Freud, 1931/1995). Descrita como exclusiva e intensa, a relação original entre a filha e sua mãe contém todos os ingredientes de uma história de amor apaixonado, perpassada por gritos e sussurros, até seu término inelutável, a ruptura brutal. O amor cego é substituído pelo seu antônimo: o ódio. O amor materno não está à altura das expectativas que este suscita, e o amor infantil não pode responder às suas exigências. Logo, necessariamente, encontramos insatisfações, decepções, hostilidades e várias razões de queixa: um amor dividido com outrem, a falta de leite e também a atividade sexual suscitada por seus próprios cuidados que, ao mesmo tempo, se faz proibir.

Acumulados ao longo do tempo, todos esses motivos de hostilidade – que também concernem aos meninos – chegam a um momento tão decisivo quanto único ao se dar a ferida narcisista provocada pela constatação da ausência de pênis: a filha sabe que não lhe deram um pênis e responsabiliza a mãe por essa omissão. Prova derradeira da falta de amor, de que já suspeitava desde o princípio. O conflito de ambivalências, então, se desencadeia tal como uma tempestade. Mas o que finalmente acaba por afastar de uma vez por todas a filha da mãe é a descoberta do mesmo “defeito genital” nesta, extirpando assim o amor dedicado à mãe fálica. Impulsionada para longe da sua relação com a mãe por tantas rajadas de ódio e decepção, a filha opera uma mudança de fluxo libidinal em direção ao pai, como se ancorasse no “porto”.

Mas essa mudança de objeto está longe de acabar com a potência desses amores e ódios pré-edipianos. Sendo “encoberto pelos anos afora, tal qual uma sombra, dificilmente suscetível a renascer, como

se houvesse sucumbido a um recalçamento particularmente inexorável” (Freud, 1931/1995: 10), o relacionamento da filha com a mãe deixa suas marcas sobre toda a evolução psicosssexual feminina. Nota Freud (1931/1995): é frequente descobrir que, no fim das contas, o apego da mãe ao pai e até mesmo os desacordos conjugais são apenas o reflexo da herança da relação original. Como se o deslocamento das investidas no novo objeto houvesse dificilmente adicionado um novo elemento. Inclusive, analisando de perto os comentários de Freud (1931/1995) sobre a perenidade e quase imutabilidade da relação primária para com a mãe, não pensaríamos somente na civilização micênica, descoberta para além da herança grega, mas na cidade de Pompeia ressurgindo das cinzas!

Em que se baseia, então, essa força sub-reptícia do laço original entre filha e mãe? Freud não se indaga sobre isso. Se a descoberta da existência desse laço mostra-se surpreendente, a observação de sua persistência não suscita qualquer outra interrogação freudiana. Como se fosse uma evidência, quase um fado. A ausência da questão se explica efetivamente pelo que lhe serve, *a priori*, como resposta: a inveja do pênis. Dentre as vias de evolução praticáveis sob o comando da inveja do pênis, há o que Freud (1932/1995) chama de “complexo de masculinidade”: havendo constatado tal falta, a filha revolta-se contra esse fato desagradável e exagera sua masculinidade numa revolta plena de provocação.

Dividida entre duas posições contraditórias (“o possuo” e “não o possuo, mas conquistá-lo-ei”), a filha busca refúgio na identificação com o pai – identificação esta que, no fundo, em nada se distingue daquela com a mãe fálica. Estar na ausência da posse é a lógica fálica em marcha nessa identificação para com a mãe na fase pré-edípica. Devemos igualmente ressaltar a finalidade narcisista inerente ao processo de identificação, particularmente acentuada aqui: o movimento identificatório está a serviço da preservação do objeto cujo abandono provoca uma ferida narcisista. Identificar-se à

mãe fálica é instalá-la no âmago da psique e continuar atrelada e fiel a esta. Assim preenchida, essa brecha – a inveja do pênis –, longe de levar ao afrouxamento do laço com a mãe, parece contribuir para sua conservação.

De antemão, a ideia da inveja do pênis como refúgio secreto da relação com a mãe encontra-se em contradição com as teses freudianas. Essa mesma inveja poderia ao mesmo tempo separar e unir, destruir e preservar? No fundo, não seria a contradição inerente à teoria da feminilidade centrada na lógica fálica? A filha, para Freud, é um rapazinho, e nunca renuncia a sê-lo, mesmo quando ela segue o traçado da feminilidade consagrado pela teoria freudiana – via traçada do início ao fim, como sabemos, pela busca de conquistar o que lhe falta.

Seguindo a trajetória da filha que passa de portadores a substitutos do órgão cobiçado – deslizando, ao longo da cadeia simbólica, do pênis negado ao filho esperado – a feminilidade realizada parecer-se-ia com um desvio secreto em direção da masculinidade originalmente aspirada; logo, a feminilidade apresenta-se, na sua própria essência, como uma farsa do desejo masculino primordial: “Assim, o antigo desejo masculino de possuir o pênis transparece novamente na feminilidade inacabada (a maternidade). Mas talvez devêssemos tomar este anseio de pênis como um anseio feminino por excelência” (Freud, 1932/1995: 212). Desse ponto de vista, a filha não se desapega do seu primeiro objeto na mesma medida em que não abandona sua inveja do pênis. Tornando-se assim passiva – o último elo de uma longa linhagem e, ela mesma, mãe de várias crianças –, ela associa sua posição de caçula à sua busca por maternidade: “depois de mim, tudo se findou para minha mãe; ela queria ter tido mais filhos, creio eu”. Continuar a obra materna deixada em suspenso para rejeitar a realidade que ameaça recapturá-la. Enquanto houver crianças... É um estado depressivo que perpetua a obrigação de extirpar seu desejo de maternidade.

Para continuar sendo o suporte do desejo da mãe, a filha renuncia ao *ser* pelo *parecer* – e exatamente pelo *parecer* o que ela não é, e por algo que ela não tem, escreve P. Aulagnier (1966). Logo, a busca fálica da filha enquanto sinal de fidelidade à mãe pré-ediipiana demonstraria, pura e simplesmente, uma sujeição à função do “espelho, espelho meu” do objeto materno, ordenada pelo complexo de castração? Ainda que reciprocamente idealizada, a ambivalência complexa que entrevemos claramente através da relação mãe-filha nos obriga a tirar conclusões precisas.

É comum que o desejo fálico da filha pela mãe se sustenha através do delírio de ser responsável pela castração materna; igualmente para a mãe, a decepção e o ódio orientam a instalação da filha em uma estatura fálica. Além do mais, mesmo dentro do domínio da problemática fálica, o conflito de ambivalência mãe-filha não diminui. Em seu texto, “La signification de l’envie du pénis’ chez la femme”, Maria Torok (1964) indica de forma incisiva a dimensão defensiva da inveja do pênis e do rancor associado a este, em relação ao verdadeiro objeto do ódio. Pior que a mãe castrada é a mãe anal detentora do leite do corpo da filha. Pior que a inveja do pênis são os humores destruidores causados pela despossessão do conteúdo do seu próprio corpo. Pior no sentido de reprimir ainda mais radicalmente, para preservar tanto o ego quanto o objeto e o amor por este. Logo, a inveja do pênis apresenta-se como uma via de projeção dissimuladora do ódio, que de outra forma seria devastadora e inconfessável em relação à mãe. Uma espécie de abcesso de fixação, que sela, a título paradoxal, a “jura de fidelidade” pelo objeto do laço primário, apesar da ambivalência levada por ela até seu clímax, e da mudança do objeto resultando disso.

A principal ideia que podemos reter do texto de Maria Torok (1964), e levar para além da imagem da mãe anal, é a de que a inveja do pênis simboliza angústias pré-genitais e a angústia da ambivalência contígua a elas. Essa posição diferencia-se e até opõe-se à de Freud

(1931/1995; 1932/1995), que enxerga a inveja do pênis essencialmente em sua função mobilizadora da mudança de objeto. Não nos esqueçamos, porém, de que ambas as concepções refletem os debates acerca do papel inaugural da inveja do pênis na sexualidade feminina, indiscutível para alguns e contestável para outros. Sem poder entrar nesses debates, limitar-nos-emos a notar que tais debates têm o mérito de restituir a complexidade dessa formação psíquica que costumamos reduzir caricaturalmente a uma conjunção da experiência perceptiva e da problemática fálica. Podemos citar como exemplo o papel da inveja do pênis no conflito de ambivalência.

Como ressaltamos anteriormente em referência aos trabalhos kleinianos, é impossível limitar esse papel ao golpe de misericórdia dado na relação original. Sua apreciação leva-nos a considerar algumas fontes pré-genitais do conflito de ambivalência que a constatação da falta do pênis parece inevitavelmente atualizar. A começar pela angústia da perda do amor do objeto. Como sabemos, esse conceito está completamente ausente dos dois textos freudianos sobre a sexualidade feminina, enquanto que, em outros textos freudianos, esta angústia é qualificada de feminina por excelência. Sucede que a construção teórica exclusivamente centrada na busca fálica deixa-lhe pouco espaço, ou mesmo lhe é uma barreira, visto que o que está em jogo é a “mudança de objeto” e não tanto a separação ou a perda do objeto. Ainda por cima, não é somente a perda do amor do objeto, mas igualmente a sensação de angústia em geral que se faz assim quase evacuar. Como se a sexualidade feminina sob a égide da inveja do pênis pudesse poupar-se disso...

Porém, quer se trate da relação passional mantida por investidas narcisistas, ou do peso da problemática oral, ou ainda do conflito de ambivalência intensa levando ao abandono do amor, que deixa para trás uma profunda ferida narcisista, a descrição freudiana da relação mãe-filha reúne todos os ingredientes expostos em “Luto e melancolia” (Freud, 1915/1996). À exceção da peça mestra, a perda

do objeto... Seria possível, tanto na teoria quanto na vida psíquica, tratar um conflito de ambivalência tão original, tão intenso, sem que a angústia reclame o que lhe é devido? É precisamente porque a teoria fálica não consegue tratar essa angústia primitiva sem acabar por silenciá-la que ela não pode deixar sua marca. Silêncio não quer dizer ausência, muito pelo contrário.

Apenas um exemplo. Por mais que a constatação da falta do pênis dependa de uma experiência visual – ela viu que não o possui –, a garota interpreta a vivência diferentemente do garoto: “não me deram um pênis!”. Essa interpretação, apresentada como se fosse uma evidência, faz imediatamente ecoar a experiência da frustração oral, dessa maneira revivida: a mãe deu-lhe pouquíssimo leite e não a amamentou por tempo suficiente. Sem leite suficiente, sem amor suficiente e, ainda por cima, sem pênis. Como Freud (1926/1994) precisa, essas recriminações do “não suficientemente” explicam-se pela própria natureza da libido infantil, desmesurada e incapaz de satisfação plena. Logo, é inelutável que essas reivindicações pulsionais conduzam à decepção e ao ódio, ou à angústia. Convém lembrar que é justamente em sua análise da angústia infantil da perda do objeto que Freud (1926/1994) atem-se à questão do porvir da libido insatisfeita.

A respeito da perda do semblante materno que ele identifica como elemento comum a diferentes situações ansiogênicas para a criança, Freud (1926/1994) insiste na natureza econômica. A criança teme inicialmente a privação do objeto de amor na mesma medida em que ela provoca o aumento de tensão libidinal que – na falta de objeto de amor, na falta de uma descarga adequada e satisfatória – ameaça desencadear-se de forma incontrolável. O principal perigo não é exatamente a separação, mas a situação na qual a criança corre o risco de encontrar-se na ausência do objeto: a insatisfação, ou seja, o impulso libidinal inutilizado ao ponto de rebentar com uma força intensa por causa da imaturidade e do estado de aflição da criança.

“Sob o risco de pulsão”, assim se resume o perigo psíquico em jogo na angústia da perda e da separação. Pelas reprimendas do tipo “nada de pênis, como outrora sem leite suficiente” que a filha dirige à mãe, é traçada a figura da criança insatisfeita – isto é, abandonada contra um “querer mais” que a ataca de dentro. Devemos assim constatar que, mesmo sem dizer nada, a inveja do pênis é sentida através dessa angústia primitiva, cujo tom persecutório mistura-se com certa depressão.

Compreende-se assim facilmente que é perigoso equilibrar-se sobre o fio do “não me deram isso, não me deram aquilo”, tão próximo da sensação de angústia e do perigo interno que ela implica. Inclusive, por limitar-se a esse horizonte, a inveja do pênis pertence mais à problemática oral do que à genitalidade fálica. A esse respeito, é notável que a única forma de angústia poupada pela operação de silenciamento da teoria freudiana falocêntrica siga pela via da modalidade oral: “A esta retirada do seio liga-se bem provavelmente a angústia de envenenamento. É venenosa a comida que lhe faz adoecer” (Freud, 1932/1995: 205). Rechaçada pela inveja do pênis, a angústia da perda do amor ressurgiu de forma inquietante, perseguindo abertamente... Vira veneno a comida que não é suficientemente ofertada, que frustra, que falta. Como não pensar na clivagem do objeto inevitavelmente implicado na experiência da perda? O objeto ausente está suscetível a clivar-se de forma boa ou má, com o risco de retorno da lembrança do objeto, como demonstra Melanie Klein. “A ausência da mãe desperta na criança o medo de ser deixada à mercê de maus objetos, exteriores ou interiores, quer seja por razão de sua morte ou de seu retorno na forma de uma má mãe” (Klein, 1934/1968: 316).

Pelo fato de achar na ausência do pênis uma possibilidade de retorno, a angústia da perda vê-se reinvocada e reelaborada pelo conflito de ambivalência, nem que se deva expandir pela dimensão depressiva subjacente. Em outras palavras, a percepção da diferença dos sexos pode igualmente operar um reexame e engajar-se na via

da cristalização significativa. Em seus estudos acerca do surgimento da identidade sexual, Roiphe e Galenson (1987) relatam algumas observações que clarificam a emergência da inveja do pênis, precoce – antes dos dois anos de idade – e essencialmente associada às angústias anteriores da perda do objeto e da perda anal. Impulsionada pela percepção da diferença dos sexos, a “tradução” da angústia da perda do amor nos termos do complexo de castração inscreve-se no movimento de elaboração psíquica. Como nota J. André (1995/2004: 146), a ausência do pênis fornece uma representação para a angústia da perda de amor, pela modalidade do: “nada de pênis, logo nada de amor”.

Um ganho de sentido tão revelador que se multiplica e se sustém por um retorno econômico – retorno este que permite o deslocamento da angústia em relação ao corpo interno para a falta genital externa; o risco pulsional invisível e indeterminável cristaliza-se e localiza-se em uma ferida narcisista visível e circunscrita, que a reivindicação fálica representa. Mas essa eficácia simbólica exige várias compensações: as queixas da fatalidade feminina, por exemplo, são audíveis. Numa espécie de simbolização paradoxal, a “teoria” fálica permite conectar angústias pré-genitais até este ponto de fixação. De tal maneira que a força de inércia que a inveja do pênis pode obstinadamente opor à abertura da dinâmica psíquica faz-nos suspeitar menos do peso do complexo de castração do que da marca tão ameaçadora quanto profunda da angústia da perda do amor do objeto.

Essa relação íntima e complexa entre a inveja do pênis e a angústia depressiva poderia resolver de outra maneira a clarificação freudiana da peça-mestra da relação mãe-filha, o conflito de ambivalência. Voltemos novamente ao trabalho de Roiphe e Gallenson (1987), que fazem, a esse respeito, uma observação bastante interessante. Se, de acordo com a ideia freudiana, a mudança de objeto realiza-se na filha sob a impulsão da busca fálica, necessitamos contudo de uma condição: a qualidade satisfatória da relação para com a mãe. Na falta

disso, a inveja do pênis faz apenas exacerbar a “dependência hostil” à mãe, ao ponto de impedir toda orientação em direção ao pai. A mudança de objeto, no que concerne à redistribuição da libido objetual, parece então realizar-se através do laço original preservado e não do auge da decepção e do ódio para com a mãe. Em outras palavras, o que devemos apontar aqui é que o conflito de ambivalência encontra na inveja do pênis uma fonte de renovação e não puramente uma circunstância agravante. Não somente porque a falta do órgão cobijado fornece às sensações ambivalentes uma oportunidade de expressão e de explicação, mas igualmente porque a transposição da angústia da perda para a problemática fálica opera uma inversão da passividade em atividade, que – apesar de psiquicamente custosa – favorece o tratamento da ambivalência.

Ao contrário do que dita o bom senso, a psique não encontra necessariamente consolação na ideia de não merecer seu infortúnio. O trabalho de integração psíquica implica mesmo o contrário. Podemos constatá-lo no “sem pênis, sem amor” do “não me deram isso, pois não me amam”: a garota passa ao “não o possuo, logo não mereço ser amada”. Existe aqui um ganho de atividade e de domínio, que custa contudo caro: uma grande parte do movimento de hostilidade e de rancor encontra-se então convertida em sentimento de inferioridade e de culpa. “Não sirvo para nada” ou “a culpa é minha”: tal é a antífona depressiva do “não o possuir”, frequentemente entoada com resignação; e, por vezes, entretida com um ardor secreto, pois assim – canalizando o movimento de ódio em relação à mãe – a inveja do pênis tenta subtrair o objeto do laço primordial dos ataques mais violentos do conflito de ambivalência. Isso sob o risco de fixar-se em uma posição masoquista, ou ainda sacrificial, à medida que a intensidade do afrontamento é recalçada.

Também ocorre que a solução sacrificial da ambivalência, com o objetivo de preservar o objeto materno, tome a forma de uma

reivindicação fálica intratável e visivelmente isenta de todo tom melancólico. Apoiando-nos nessa ideia, lembramos o que a experiência clínica constata regularmente: a busca fálica pode implicar uma proibição total do investimento da garota em seu corpo. Por vezes, resulta disso um contraste notável entre o cuidado feito aos atributos da sedução feminina e a falta de investimento psíquico no corpo. Em certos casos, é, paradoxalmente, só quando adoecido que o corpo parece atingir o estatuto de objeto de reflexão, de objeto de investimento. Como se a doença desse ao corpo feminino uma interioridade para explorar, como se o corpo doente pudesse enfim tomar a palavra. “E pensar – exclama Louise em um tom comovido – que somente aos 60 anos, depois da menopausa, sofrendo de um câncer do seio, tendo me tornado gorda e feia, eu me autorizo enfim a falar de minha feminilidade!”. Antes, ela nunca tivera esse direito – assim como, quando criança, não tinha o direito de pôr os pés na cozinha... Tanto em um caso quanto no outro, só enquanto a mãe pode dispor de tais direitos. Filha única, essa mulher seguiu uma carreira profissional brilhante sobre as pegadas do pai e sentiu-se sempre responsável pelo dever de ocupar o lugar do filho que seus pais não puderam ter, tendo sua mãe passado por uma histerectomia após uma complicação durante seu parto. “Uma criança – uma filha – e nada mais depois”.

Como reparar essa dupla “castração” sofrida pela mãe e transferida à criança aos seus cuidados, se não pela submissão ao programa fálico da mãe que somos sempre levados a adorar? Podemos imaginar que a essa falicidade compensadora seus amores edipianos tragam uma compensação considerável e encontrem satisfação: “tenho orgulho de você, meu filho”, diz-lhe seu pai quando ela foi admitida na escola de elite que seu pai anelava, seguindo o assim o caminho deste. Mas quando a figura da mulher convencida do seu poder de sedução e bajulada pela superioridade das suas capacidades intelectuais faz-se levar pelos surtos depressivos desencadeados

pela menopausa, Louise afronta-se com a imago materna análoga, a da mãe anal: distante, inacessível, mas exercendo uma influência sobre o corpo e a psique da criança. Lembrando-se de seus tempos de menina, ela se vê na sala de estar da casa de seus pais; mas o que faz ali? Provavelmente nada demais, além do fato de “bagunçar” o tapete. Sua mãe ajeita suas franjas, uma de cada vez, meticulosamente, sem dizer nada. A narrativa lacônica de Louise é expressiva da força trazida de volta pela lembrança, plena de rejeição e de rancor. Da mãe à filha, o ódio é um prato que se come frio e, como sabemos, não se deve comer de boca cheia... Logo, compreendemos como o “não o possuo, mas o possuirei” e o “ser o falo na falta de ter o falo” implicam não apenas a negação da diferença dos sexos, mas igualmente a ocultação da angústia depressiva e do conflito de ambivalência a ela associado.

Evidenciando a herança materna situada e perpetuada no próprio âmago da problemática fálica, somos obrigados a constatar – se isso ainda fosse necessário – o entrelaçamento de estratos psíquicos tão heterogêneos que compõem a inveja do pênis e, consequentemente, sua irredutibilidade expressa pela rejeição do ser-castrado. Mais precisamente, vemos como a angústia da perda e a ambivalência original participam em conjunto da estrutura compósita e inabalável que ordena a vida das mulheres até se transformar no limite máximo desta. No fundo, não seria então a parte melancólica da relação primordial, insolúvel no falo, que encontramos aqui em toda sua potência interrogativa? A questão pode ocupar o primeiro plano da cena psíquica no momento da passagem à sexualidade feminina adulta. Como sabemos, a abertura do corpo feminino, tanto ao desconhecido de dentro quanto ao desconhecido de fora, rima necessariamente gozo com invasão. Levando-se em conta a defesa narcisista fálica predominante que ela requer, faz-se necessário estabelecer modulações marginais que façam ecoar o conflito de ambivalência original.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- André, J. (1995/2004). *Aux origines féminines de la sexualité*. Paris: PUF, Quadrige.
- Aulagnier-Spairani, P. (1967). *Remarques sur la féminité et ses avatars*. In: Aulagnier-Spairani, P.; Valabrega, J. P.; Rosolato, G.; Clavreul, J. & Perrier, F. *Le désir et la perversion* (pp. 53-90). Paris: Le Seuil.
- Freud, S. (1915/1996). Luto e melancolia. *Obras completas*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1926/1994). Inhibition, symptôme et angoisse. *Oeuvres complètes*, v. XVII. Paris: PUF.
- Freud, S. (1931/1995). De la sexualité féminine. *Oeuvres complètes*, v. XIX. Paris: PUF, 1991.
- Freud, S. (1932/1995). La féminité. *Oeuvres complètes*, v. XIX. Paris: PUF, 1991.
- Freud, S. (1938/1949). *Abrégé de psychanalyse*. *Oeuvres complètes*, v. XX. Paris: PUF, 1991.
- Klein, M. (1934/1968). Contribution à l'étude de la psychogenèse des états maniaco-dépressifs. *Essais de Psychanalyse*. Paris: Payot.
- Roiphe, H. & Galenson, E. (1987). *La naissance de l'identité sexuelle*. Paris: PUF, Le fil rouge.
- Sagan, F. (1954/2009). *Bonjour tristesse*. Paris: Pocket.
- Torok, M. (1964). La signification de l'envie du pénis' chez la femme. In: Chasseguet-Smirguel, J. (dir.). *La sexualité féminine. Recherches psychanalytiques nouvelles* (pp. 181-219). Paris: Payot.

Recebido em 27 de dezembro de 2012
 Aceito para publicação em 26 de outubro de 2013